

O exílio palestino no romance *Homens ao Sol* (1963): revisão bibliográfica e uma proposta de análise entre texto e contexto.

MARIANE SOARES GENNARI\*

SINOPSE DE *HOMENS AO SOL*

*Homens ao Sol* é um romance palestino dividido em sete capítulos, escrito por Ghassan Kanafani (1936-1972) e publicado em 1963. A narrativa conta a trajetória de três homens palestinos de gerações distintas em busca de melhores condições de vida no Kwait. Exilados, Abu-Qays, Assaad e Marwan se conhecem por conta do objetivo em comum: sair de Basra, no Iraque e atravessar a fronteira sem autorização legal. Para isso, precisam negociar com os contrabandistas que realizam a travessia, porém, nenhum deles consegue o dinheiro suficiente para o pagamento exigido. A solução é oferecida por outra personagem, Abul-Khayzuran, motorista de um caminhão de tanque de água que se propõe a levá-los ao Kwait. O plano é cruzar o deserto sob o violento sol e passar pela fiscalização mantendo os três homens dentro do abafado tanque.

O drama do romance é acentuado na medida em que vai se chegando ao desfecho. Ao parar no posto fiscal, Abul-Khayzuran calcula um tempo máximo para que os três homens consigam suportar a permanência no tanque – um espaço espelhado que reproduz o efeito estufa – sem sofrer com o calor desértico. A intenção é arruinada quando o oficial prolonga o diálogo por mais tempo que o motorista do caminhão havia planejado, levando os três exilados à morte.

O leitor é levado a sentir o sufoco e compartilhar da tragédia ao acompanhar o destino de homens que viviam em condições desumanas, nas quais o sofrimento em permanecer no Iraque parecia mais agressivo do que a tentativa em ultrapassar ilegalmente a fronteira, conscientes dos obstáculos pelo caminho. O questionamento que a leitura suscita e que Kanafani não responde é decidir pelo mais dramático: viver em exílio ou encontrar na morte uma opção?

Por fim, os personagens de *Homens ao Sol* sobrevivem entre a memória de um

---

\* Aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH/Universidade de São Paulo.

passado sem retorno, a resistência e as possibilidades de comprometimento com a causa da Palestina no presente e o desejo de esperança em um futuro habitável.

## BALANÇO BIBLIOGRÁFICO

Hilary Kilpatrick, tradutora da versão de língua inglesa (KANAFANI, 1998) do romance *Homens ao Sol* (1963), é autora de dois importantes artigos que abordam a vida e obra do autor palestino Ghassan Kanafani. “Commitment and Literature: the case of Ghassan Kanafani” (1976a) e “Tradition and Innovation in the Fiction of Ghassan Kanafani” (1976b).

O primeiro é uma análise breve da transformação pessoal e profissional de Kanafani enquanto jornalista político e romancista literário. Ela observa uma progressão qualitativa na produção textual do autor, que se despe do traje de escritor sério, seco e preocupado com uma narrativa factual da situação da Palestina, revelando-se um artista experiente e criativo, sem deixar de lado o seu engajamento político. Durante esse processo, segundo ela, “fortunately, Kanafani usually avoided the temptation to transfer experience directly from reality to the printed page” (KILPATRICK, 1976a:16).

O questionamento proposto por Kilpatrick aborda o papel de Kanafani nas duas esferas de seu ofício: até que ponto sua literatura não pode ser considerada um mero veículo para a divulgação de seus ideais políticos? As considerações da autora indicam que a experiência e o tempo transformam o autor palestino em um refinado escritor de literatura, e “his ability to present simple situations in terms which give them a universal relevance are among his main qualities” (KILPATRICK, 1976a:18-19). Por fim, a autora endossa a compreensão que Kanafani inferiu do seu próprio trabalho quando afirmou que as personagens palestinas de *Homens ao Sol* mostram uma consciência mais profunda de sua

condição que seus artigos jornalísticos até então haviam exposto (KILPATRICK, 1976a:18).

Isso, segundo ela, enriqueceu o seu comprometimento político.

É evidente o argumento da autora ao apresentar um progressismo nas produções literárias de Ghassan Kanafani. Afinal, é um processo formativo do escritor que o encaminhará para uma maturidade intelectual, ou seja, a partir da experiência adquirida entre ser romancista e jornalista que leva o autor palestino ao aprimoramento textual. O destaque do artigo, no entanto, é a conexão feita entre a produção literária de Kanafani enquanto autor de contos e romances diversos e sua vida política como militante de dois movimentos de luta pela libertação da Palestina – PDFLP (Popular Democratic Front for the Liberation of Palestine) e PFLP (Popular Front for the Liberation of Palestine) – assim como sua atuação profissional como professor e editor-chefe nos jornais *Al-Muharrir* e *Al-Hadaf* (KILPATRICK, 1976a:15), e, também, do seu reconhecimento social como porta-voz das questões da Palestina enquanto escritor de literatura, indicando, portanto, as possibilidades da relação entre texto e contexto. Ademais, o artigo é relevante por indicar referências do próprio autor aos seus escritos, como quando ele afirma que a arte pode ser vista como uma arma para transformar a sociedade (KILPATRICK, 1976a:18).

Já no segundo artigo, Kilpatrick avalia as aproximações e distanciamentos dos temas tratados por Kanafani em suas obras com a tradição literária e a moderna ficção do mundo árabe. Mais uma vez, sua preocupação é mostrar que Ghassan Kanafani, apesar de estar engajado com as causas da Palestina, é um escritor cujos contos e romances transcendem a questão política.

A autora escolhe analisar elementos temáticos do escritor palestino para responder sobre quão inovador Kanafani foi e quanto ele recorreu à tradição literária erudita e à popular. A prioridade por personagens camponeses, cenários desérticos, dois olhares distintos da vida

dos beduínos e a presença de armas e cavalos são os exemplos que Kilpatrick usa para argumentar positivamente sobre a originalidade de Kanafani, em comparação com a produção literária árabe. Ao destacar, por exemplo, que o camponês é frequentemente retratado em suas obras, o artigo questiona como foi possível transmitir uma realidade da qual o autor nunca pertenceu (KILPATRICK, 1976b:55). Para ela, um dos objetivos foi revelar o sacrifício dos camponeses em preservar a terra de suas famílias e, para isso, apesar de não ter sido influenciado por uma cultura popular, utilizou modelos populares para abordar o assunto (KILPATRICK, 1976b:57). A presença camponesa nas obras do autor permitiu reviver temas antigos da herança literária árabe ao mesmo tempo que inovou, já que escrever a partir dos olhares camponeses é um tema original para a ficção árabe moderna. Por fim, Kilpatrick considera que Kanafani é um escritor inovador, pois combina aspectos que se assemelham à tradição literária mas mantém características que lhe são próprias, a saber, a opção por não oferecer respostas prontas ao desfecho de suas narrativas, deixando espaço para que o leitor reflita sobre uma escolha.

Essa abertura que o autor oferece acontece, também, em *Homens ao Sol*, quando o leitor é levado ao questionamento sobre a morte dos três palestinos, por meio da personagem Abul-Khayzuran: “Por que vocês não bateram nos lados do tanque? Por que vocês não golpearam as paredes do tanque? Por quê? Por quê? Por quê?” (KANAFANI, 2009:129). Kanafani, assim, provoca a reflexão do leitor sobre o drama exposto.

Contudo, a preocupação do artigo em salientar a qualidade literária de Kanafani em detrimento de suas posturas políticas parece funcionar como justificativa para localizá-lo enquanto artista legítimo. Essa postura, porém, proporciona indagações sobre as possibilidades em relacionar criação estética e engajamento político. Haveria limites entre essa relação que hierarquizasse o produto da atividade literária? A autora, contudo, apenas

esboça tal perspectiva ao afirmar que “Politics play a major role in most of his writing, and they are in large measure responsible for some of his innovations, such as the standpoint of his portrayal of Palestinian peasant characters” (KILPATRICK, 1976b:64).

Objeto semelhante é o do pesquisador e tradutor do romance *Homens ao Sol* para a língua portuguesa, Paulo Daniel Farah. No artigo “A relação com a terra na obra do escritor palestino Ghassan Kanafani” (2011), ele analisa os elementos geográficos presentes nas obras de Kanafani, como, por exemplo, as árvores – oliveira, videira, laranjeira –, e os considera extensões da realidade palestina.

O artigo tem como proposta revelar a importância da metáfora presente nos textos do escritor para tratar da situação sofrida de vida dos palestinos. Farah realiza esse objetivo por meio de passagens citadas das narrativas de Kanafani, procurando identificar como cada elemento refere-se a uma memória ou sentimento das personagens. O retrato do deserto é considerado pelo autor do artigo, por exemplo, um olhar dramático dessa realidade:

*os significados que os palestinos inscreveram em sua terra natal desaparecem no deserto do exílio. É nas obras de Kanafani [...] que o deserto real de funde com o deserto simbólico. O deserto se revela um espaço homogêneo e simples, mas esmagador e alienante em sua vastidão sem limites (FARAH, 2011:31-32).*

Paulo Farah oferece uma análise do significado da terra, das árvores, do deserto, da aldeia, do lar que contribuem para estabelecer relações com possíveis intenções de Kanafani. Segundo Farah, Abu-Qays, personagem de *Homens ao Sol*, ao sentir seus batimentos do coração em contato com a terra úmida, revive a sensação do cheiro dos cabelos molhados de sua esposa ao sair do banho (FARAH, 2011:6). Estabelecer essa relação proporciona uma compreensão do sentido que a terra tem para a vida dos palestinos exilados, que contróem

suas memórias por meio dos poucos elementos presentes na condição que estão. Kanafani, com isso, parece querer aprofundar o entendimento dessa situação para seu leitor.

O artigo “A Study of 'Rijāl fī al-Shams' by Ghassan Kanafani”<sup>1</sup> (1979), de Douglas R. Magrath é uma análise detalhada do romance *Homens ao Sol*. A partir do enredo da obra, o autor interpreta as metáforas e simbologias criadas por Kanafani, buscando aproximar a ficção da realidade da Palestina.

A proposta de Magrath é revelar os sentidos de vários dos temas presentes no romance ao longo dos acontecimentos. Entre essas observações está a sobreposição de temporalidades onde presente, passado e futuro se conectam desde a diferença de idades das personagens até o fortalecimento da esperança que alimenta a atual trajetória como consequência do que aconteceu. A fuga aparece como estado permanente entre eles e outro aspecto apontado é a reflexão sobre a relação entre vida e morte. A própria narrativa parece ter um significado claro: “The tragedy that occurs in *Rijāl fī al-Shams* represents the larger disaster – *al-Nakba* – which has befallen the Palestinian people” (MAGRATH, 1979:98).

Esse estudo, enfim, indica um caminho para a leitura do romance de Kanafani que pode ser percorrido ou problematizado. Seu mérito, contudo, está em contribuir para o debate da relação entre texto e contexto. Segundo Magrath, “Kanafani's work convey a direct impression of life as it unfolds. He has created a realistic drama rather than merely registering an event in history” (MAGRATH, 1979:107).

Outro trabalho de interesse é o livro resultante de uma palestra *Ghassan Kanafani: The Life of a Palestinian* (1975), de Stefan Wild, objeto de duas diferentes resenhas, uma de Hilary Kilpatrick (1977) e outra de M. M. Badawi (1977).

Na primeira, a autora avalia a obra como uma consideração clara e bem documentada

---

1 *Rijāl fī al-Shams* é o romance *Homens ao Sol* em sua transliteração do árabe para o alfabeto latino.

da vida de Ghassan Kanafani, relevante para todos que gostariam de conhecer sua biografia, entender melhor os movimentos de resistência palestinos, assim como o desenvolvimento da moderna ficção árabe (KILPATRICK, 1977:171). Porém, a crítica da resenha trata, mais uma vez, da grande preocupação exposta por Kilpatrick nos outros artigos, a saber, o envolvimento de questões políticas no trabalho literário de Kanafani. Segundo sua observação:

*The impression gained from this lecture, however, seems to be that Kanafani was a one-dimensional writer, which in turn suggests the conclusion that he saw everything in political terms. No hint is given of the interest in philosophical problems and the concern with literary techniques and expression for which ample evidence can be found in his works. This would be less of loss if it did not help to reinforce a view of the Arab world which sees it as entirely taken up with politics (KILPATRICK, 1977:172-173).*

A segunda resenha, de Badawi, está mais voltada para a análise da palestra que foi proferida na Holanda e deu origem à publicação do livro. Para o autor, foi significativo escolher essa temática para uma aula inaugural em um lugar que, há até pouco tempo, tinha se envolvido completamente com a causa de Israel, sem se dar conta das implicações para o conflito árabe-israelense e, também, apresentar a vida e obra de Ghassan Kanafani, porta-voz da resistência palestina, foi uma novidade trazida por Stefan Wild (BADAWI, 1977:147). Porém, na interpretação de Badawi, assim como para Kilpatrick, Wild não tem preocupação em mostrar a qualidade simbólica ou o talento da ficção de Kanafani, priorizando sua vida política e profissional (IDEM):

*Dr. Wild is fully aware of his importance as a writer, but apart from a very brief plot outline of Rijal fi'Is hams and 'A'id 'ilal faifa and a few passing remarks on a couple of his short stories we do not find any serious discussion of Kanafani as a writer. No one who reads this sympathetic lecture will feel a strong urge to rush to Kanafani's*

*novels and short stories. It is easy to exaggerate the literary importance of Kanafani and to praise his work for the wrong reason. It is true that among his prolific writings only one novel and a few short stories will probably stand the test of time (BADAWI, 1977:148).*

Considerada a dificuldade no acesso ao livro de Wild, ambas as resenhas contribuem como ponto de partida para conhecê-lo. Elas indicam um descomprometimento do autor em analisar com maior profundidade a literatura de Kanafani, optando por uma exposição dos aspectos que envolvem sua militância política e papel social na luta palestina. Contudo, revelam-no como um importante documento histórico para localizar particularidades de seu contexto.

## EXÍLIO, UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

A condição de exílio tem sido percebida ao longo da história em diferentes expressões da atividade humana. Muito antes da instituição da história enquanto disciplina científica, quando a concepção de realidade não era uma preocupação como é hoje e a descrição de eventos não distinguia o inventado do constatado, o exílio já estava exposto nas narrativas que perduram no presente. Um dos mais antigos exemplos é o exílio vivido ao longo da trajetória marítima de Ulisses, o protagonista da obra épica da Grécia Antiga, *Odisseia*, atribuída a Homero. O exílio tem sido recorrente na história por motivos diversos: crise econômica, pestes e doenças, guerras, poder de regimes totalitários, revoluções sociais, reformas políticas. Mas, o que, exatamente, significa exílio? Qual é a sua definição histórica?

De forma simplificada, o exílio poderia ser entendido enquanto situação de uma

pessoa ou um grupo de pessoas que vive em um ambiente com o qual não se identifica, onde não há autorreconhecimento. Mas, afirmar isso contribui pouco para a compreensão do conceito, já que exige entendimento, também, de outros termos, como identidade e reconhecimento, por exemplo. Além disso, refletir sobre o significado de exílio implica formular questionamentos individuais, psicológicos, filosóficos, políticos, sociais e históricos, pois abrange desde experiências particulares como os sentimentos do sujeito exilado até a prática imperialista que condena grupos a viverem fora do território que lhes era comum. Em suma, a tentativa em entender o exílio necessita de interlocução ampla nas várias áreas de conhecimentos e observações que extrapolam a objetividade da produção científica do mundo acadêmico que, historicamente, dá legitimidade às definições semânticas e, deste modo, considerar visões de definição de exílio seria coerente.

Exposto isso, não se pode evitar a investigação sobre como o exílio tem sido entendido e observado. Em recente publicação do periódico *Journal of the Interdisciplinary Crossroads*, com doze artigos compilados a partir da temática intitulada “The Limits of Exile” (2006), os organizadores David Kettler e Zvi Ben-Dor tiveram a preocupação em abordar assuntos que envolvem a conceitualização do exílio. O ponto de partida da introdução da coletânea é o livro do húngaro Paul Tabori, *The Anatomy of Exile*, de 1972, em que o autor tem como proposta definir o exílio, consciente, no entanto, das dificuldades dessa empreitada (KETTLER & BEN-DOR, 2006:6). Segundo Kettler e Ben-Dor, “Tabori certainly felt the need of write a history of exile that will be at the same time an 'anatomy' of it” (IDEM). Os autores, então, compartilham da necessidade em buscar uma concepção para o termo com um esforço colaborativo de todo tipo de estudioso que pense o exílio, de forma interdisciplinar (KETTLER & BEN-DOR, 2006:7). Admitem, contudo, que “at the beginning of the 21st century, the word 'exile' seems both very simple to understand and too complex to grapple

with” (IDEM).

Considerando essa perspectiva, Kettler e Ben-Dor escreveram sobre a emergência de compreensão do exílio no contexto contemporâneo. A preocupação com o termo só pode ser pensada a partir da noção de pertencimento que foi legitimada com a construção de um mundo constituído por Estados-nação. Os autores, ainda, afirmam a necessidade em estudar o exílio ancorados no campo chamado Estudos da Diáspora, cujo foco concentra-se em questões culturais e de identidade (KETTLER & BEN-DOR, 2006:8):

*More specifically, we are concerned that exile is presented as a term subsumed by diaspora. Standing alone, exile appears to be stripped of any political dimensions; it becomes “politicized” only when it is examined through the lenses of diaspora studies (KETTLER & BEN-DOR, 2006:9).*

Em sentido semelhante e anos antes disso, o crítico Edward Said escreveu sobre o conceito de exílio no ensaio “Reflexões sobre o exílio” (2003). Como intelectual, Said nos lembra que o exílio é condição presente e com reflexos em muitos trabalhos intelectuais, como a sua própria produção. Ele considera o mundo contemporâneo, a “era do refugiado” e afirma que “o exílio não pode ser posto a serviço do humanismo” (SAID, 2003:47). Ou seja, o resultado histórico do arranjo mundial da nossa época aponta a existência de um significativo grupo de pessoas deslocadas, vivendo em movimento, fora da estrutura hegemônica onde culturas e línguas específicas pertencem à determinados territórios geográficos. O exílio enquanto consequência dessa realidade não poderia, portanto, ser utilizado para compreender melhor a essência do ser humano, segundo Said.

Além disso, Edward Said contesta a literatura que se beneficia do exílio como temática com objetivo puramente estético. Para ele, isso significa uma banalização da condição de

quem é exilado (IDEM). Nota-se, contudo, uma quantidade significativa de expressões artísticas de pessoas que viveram no exílio. Há exemplos no Brasil e na América Latina. A poesia do chileno Pablo Neruda trata do regresso à terra natal em boa parte da sua obra, assim como na sua biografia cinematográfica *O Carteiro e o Poeta*<sup>2</sup>. No trecho de um de seus poemas a referência é clara: “ya no puede vivir sin tierra/y entonces se cae de bruces,/no en la tierra, sino en la muerte” (NERUDA, 2005). O músico brasileiro Chico Buarque se exilou do país durante a Ditadura Civil-Militar e essa experiência permeou algumas canções, como, por exemplo, “Apesar de Você”, que fala das cicatrizes deixadas pelo regime, letra de protesto escrita logo após seu retorno ao Brasil em 1970 e que reforça a impossibilidade de esquecer o passado. Ou, ainda, a letra composta por Roberto Carlos e Erasmo Carlos, homenagem<sup>3</sup> que trata do exílio vivido por Caetano Veloso: “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos/Uma estória pra contar/De um mundo tão distante”.

O que está em jogo quando o exílio é constatado nas artes não é uma capacidade de elevá-la a um estado sublime ou oferecer autenticidade à obra, mas percebê-lo enquanto condição histórica de complexa definição, parecendo necessário buscar aspectos subjetivos e particulares para formular possíveis interpretações. No entanto, para Said, parece fundamental que o historiador, nesse caso, seja capaz de transcender as habituais categorias históricas – como o nacionalismo – que justificam a existência da diferença e, portanto, a exclusão de grupos de pessoas que não são identificadas com determinada nação<sup>4</sup>.

Said ainda lembra que a criação do exílio não pode ser referenciada sem falar da

---

2 O CARTEIRO e o poeta. Direção: Michael Radford. Miramax Films, 1994. 109 min. Título original: Il postino.

3 Ver: BENTES, A. C., “Linguística textual”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 1. São Paulo: Cortez Editora, 2001, pp. 275-277.

Disponível em: <<http://projetonoisnafita.vl1.net2.com.br/site/pdf/cap15.pdf>> (Acesso em 27/02/2013).

4 SAID, Edward. *Op. Cit.*, pp. 58-59. Edward Said afirma nessas páginas que “o exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência” e o historiador só começa a “captar a experiência humana e seus registros escritos em sua diversidade e particularidade” se “transcender os limites nacionais e provinciais”.

criação do nacionalismo. Para ele, um não existe sem o outro (SAID, 2003:50). Enquanto o nacionalismo trata do pertencimento a algum lugar, o exílio é o seu oposto. O autor distingue a condição de exilado das outras formas de deslocamento como expatriado, refugiado ou emigrado por acreditar que “o exílio tem origem na velha prática do banimento” (SAID, 2003:54), ou seja, o exilado é aquele que foi expulso do local onde vivia por razões políticas. Banimento, nesse caso, refere-se à ação de ser forçado a sair de um lugar sem querer fazê-lo. O exílio, na ótica de Said, não é, portanto, uma escolha do sujeito exilado, “nascemos nele, ou ele nos acontece” (SAID, 2003:57).

É por meio dessa perspectiva que a situação de parte dos palestinos está se consolidando depois da criação do Estado de Israel em 1948. O livro *Palestinians born in exile* (2005), escrito por Juliane Hammer, tem como objetivo refletir, justamente, sobre os palestinos que nasceram e cresceram na condição de exilados. A autora faz um trabalho de história oral com jovens palestinos e, também, associa o exílio com questões de identidade nacional:

*the Palestinian exile and diaspora communities cannot be understood without an exploration of the historical development of Palestinian national identity, which in turn draws on memory and historiography as important sources* (HAMMER, 2005:9).

Por fim, é fundamental iniciar a reflexão sobre o exílio palestino vinculando-o às noções de nacionalismo e identidade, já destacado por Edward Said ao insistir no exílio enquanto banimento e, portanto, como resultado de natureza política. Nesse sentido, é relevante considerar que a Palestina passou por um processo de marginalização, remodelando identidades, deslocando memórias, reconstruindo horizontes. Esse destaque é importante para problematizar o exílio palestino ao considerar que a ideia de pertencimento à Palestina como

algo ligado a um nacionalismo pode ser uma criação posterior em forma de resistência enquanto os sentimentos gerados pela situação de exílio poderiam, originalmente, estar associados a um território produtor de memórias e identidades.

## UMA PROPOSTA DE ANÁLISE ENTRE TEXTO E CONTEXTO

A partir do exposto e levando em conta a perspectiva de Dominick LaCapra sobre as possibilidades do historiador refletir sobre textos literários e contextos históricos, o problema desta pesquisa percorre a trajetória que pretende compreender o exílio palestino como condição histórica expressa no romance de Ghassann Kanafani. Para isso, a análise busca transcender os limites do contexto a partir do texto.

LaCapra lembrou que: “the predominance of a documentary approach in historiography is one crucial reason why complex texts – especially “literary” texts – are either excluded from the relevant historical record or read in an extremely reduced way” (LACAPRA, 1982:55). Nesse aspecto, propõe-se uma leitura de *Homens ao Sol* não como documento de uma época que responderá questões do presente apenas, mas como um texto que rompe com as barreiras do contexto histórico ao qual ele pertence, ampliando um entendimento sobre um período e uma situação que só o texto literário poderia expressar, porém, sem achar que o romance seja autônomo e desconectado de seu lugar e período de produção.

Para tratar do exílio palestino na obra de Ghassan Kanafani deve-se levar em consideração que o contexto do surgimento do exílio palestino após a criação do Estado de Israel não é imóvel e simétrico e deve ser questionado como outra produção textual possível de ser relida e reinterpretada, interagindo com os sentidos percebidos no texto do autor palestino. Deve-se ter clara a existência de uma relação dialógica entre texto e contexto, como lembrou José Antonio Vasconcelos ao apresentar tal debate teórico:

*a interpretação de um texto pressupõe que estabeleçamos relações entre esse texto e uma configuração textual à qual damos o nome de “contexto”. [...] O grande erro do historiador é considerar o contexto como um substrato estável e não*

*problemático a partir do qual podemos identificar o significado de determinado texto. Pelo contrário, o contexto histórico não é um referente, mas sim um outro texto, que pode ser lido, interpretado e com qual podemos gerar significados múltiplos e até mesmo conflitantes (VASCONCELOS, 2005:230)*

Por fim, o problema que se evidencia exige a realização de um levantamento historiográfico sobre o exílio palestino para buscar, a partir de uma reconstrução historiográfica do contexto de Ghassan Kanafani, uma relação com o romance analisado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADAWI, M. M. Ghassan Kanafani, the Life of a Palestinian by S. Wild (review). *Middle Eastern Studies*, Vol. 13, No. 1 (Jan., 1977), pp. 146-148. Taylor & Francis, Ltd. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4282627>> (Acesso em 04/12/2012)

FARAH, Paulo Daniel. “A relação com a terra na obra do escritor palestino Ghassan Kanafani”. *Revista Litteris*. Dossiê Estudos Árabes e Islâmicos. N. 7. Mar/2011. Disponível em: <[revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Artigo\\_Litteris\\_Kanafani\\_PAULOFARAH.pdf](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Artigo_Litteris_Kanafani_PAULOFARAH.pdf)> (Acesso em 11/10/2012).

HAMMER, Juliane. *Palestinians born in exile: diaspora and the search of homeland*. Austin: University of Texas Press, 2005.

KANAFANI, Ghassan. *Homens ao Sol*. São Paulo: Ed. Bibliaspa, 2009.

KANAFANI, Ghassan. *Men in the sun and other palestinian stories*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1998.

KETTLER, David & BEN-DOR, Zvi (Editors). *Journal of the Interdisciplinary Crossroads*.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Thematic issue: The Limits of Exile. Vol. 3, No 1 (April 2006). Allahabad Association for Historical and Cultural Studies; Disponível em: <<http://www.oberlin.edu/faculty/sfaber/completebook.pdf>> (Acesso em 25/02/2013).

KILPATRICK, Hilary. "Commitment and Literature: The Case of Ghassan Kanafani". *Bulletin* (British Society for Middle Eastern Studies). Vol. 3, No. 1 (1976a), pp. 15-19. Taylor & Francis, Ltd. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/195128>> (Acesso em 04/12/2012).

KILPATRICK, Hilary. Ghassan Kanafani, the Life of a Palestinian by S. Wild (review). *Journal of Arabic Literature*, Vol. 8 (1977), pp. 171-173. BRILL. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4182986>> (Acesso em: 04/12/2012)

KILPATRICK, Hilary. "Tradition and Innovation in the Fiction of Ghassān Kanafānī". *Journal of Arabic Literature*. Vol. 7, (1976b), pp. 53-64. BRILL. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/4182963>> (Acesso em 04/12/2012).

LACAPRA, Dominick. "Rethinking Intellectual History and Reading Texts". In: LACAPRA, D. & KAPLAN, S. L. *Modern European Intellectual History: reappraisals and new perspectives*. Ithaca; London: Cornell University Press, 1982.

MAGRATH, Douglas R., "A Study of 'Rijāl fī al-Shams' by Ghassān Kanafānī". *Journal of Arabic Literature*, Vol. 10 (1979), pp. 95-108. BRILL. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4183014>> (Acesso em 04/12/2012).

NERUDA, Pablo. *Contos Cerimoniais*. Ed. Bilíngue. Porto Alegre: L&PM, 2005.

SAID, Edward. "Reflexões sobre o exílio". In: SAID, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das letras, 2003, pp. 46-60.

VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo de teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

WILD, Stefan. *Ghassan Kanafani: The Life of a Palestinian*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1975.